

ADOLESCÊNCIA PROLONGADA: UM OLHAR SOBRE A NOVA GERAÇÃO

Alessandra Oliveira

Piscóloga formada pela Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE.

RESUMO

O presente artigo investiga as modificações atuais ocorridas no estilo de vida das pessoas consideradas adultas. Sabe-se que o desenvolvimento humano não é estático, pois acompanha a época e cultura em que está inserido, envolvendo a busca da identidade, autonomia e o amadurecimento da pessoa. Neste contexto as mudanças ocorridas refletem um novo modo de viver na sociedade atual. Este estudo buscou investigar causas e conseqüências desse fenômeno, uma vez que há pouca literatura a respeito do assunto.

Palavras-chave: Adolescência prolongada; relação pais/filhos, modernidade.

LINGERING ADOLESCENCE: A GLANCE ABOUT THE NEW GENERATION

ABSTRACT

The present article investigates the current modifications happened in the considered people's lifestyle adult. It is known that the human development is not static, because it accompanies the time and culture in that it is inserted, involving the search of the identity, autonomy and the person's ripening. In this context the happened changes reflect a new way of living in the current society. This study looked for to investigate causes and consequences of that phenomenon, once there is little literature regarding the subject.

Key words: Lingered adolescence; relationship parents/children, modernity.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de uma experiência de um projeto de pesquisa realizado na Universidade do Oeste Paulista, tendo como sujeitos estudantes universitários de diversos cursos, visando traçar o perfil dos entrevistados de acordo com alguns critérios estabelecidos para “adolescência prolongada”.

O projeto iniciou-se no ano de 2005 a partir de uma investigação bibliográfica e visava uma continuidade prática por meio do conhecimento teórico referido.

No decorrer do trabalho buscou-se levantar e compreender algumas das causas que podem levar à adolescência prolongada, bem como possíveis conseqüências que este fenômeno pode gerar em relação ao amadurecimento do indivíduo.

Durante o desenvolvimento da pesquisa percebeu-se uma grande curiosidade dos participantes em relação ao tema investigado. Infelizmente, mesmo sendo atual, não há muitos trabalhos publicados que discutem sobre o tema. Neste contexto, reconhece-se a relevância do assunto desta investigação.

Na modernidade, cada vez mais, os jovens prolongam sua passagem da infância à vida adulta, sendo diversos os fatores que influenciam para que isto ocorra. Percebe-se assim que a adolescência prolongada é um fenômeno que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade. Mas, para compreendermos sua dinâmica primeiramente precisamos conhecer sua origem, evolução e definir o conceito de adolescência.

O intuito deste artigo é discutir o assunto proporcionando informações, bem como, colaborar para uma maior compreensão deste problema.

1.1 Breve histórico sobre a evolução do termo adolescência

“Sabemos que não há realidade humana exterior à cultura, uma vez que os seres humanos se constituem na cultura, portanto, simbolicamente.” SARTI (2004, p. 6)

A adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas sim uma criação cultural. Esta etapa pode ser compreendida de diversas formas dependendo da cultura e época em que está inserida.

Sob esta perspectiva, Calligaris (2000) afirma que a adolescência é produto da cultura moderna, sendo uma invenção da sociedade e do “marketing”. Mas, esta adolescência inventada que conhecemos hoje passou por várias transformações, como veremos adiante.

Nos dias atuais, considera-se que o ciclo de vida é composto por quatro fases: infância, adolescência, maturidade e velhice. É difícil concebermos nossa vida sem as experiências destas etapas. Mas, antigamente, a infância e a adolescência não eram consideradas fases distintas do desenvolvimento.

Tendo em vista estes aspectos, devemos compreender que o conceito não é estático e sabemos desde Áries (1981) que há mudanças sociais relacionadas a mudanças na própria concepção de infância.

No início da Idade Média não havia uma representação familiar para os membros, nessa fase da vida. Obras de arte entre os séculos X e XI retratavam crianças como adultos em tamanho reduzido, e só progressivamente, entre esse período e o século XVI, elas começaram a serem retratadas em suas formas próprias. Esse processo ocorreu a partir da reprodução artística de crianças relacionadas com a religião, a

exemplo do menino Jesus e dos anjos. Progressivamente, a reprodução de crianças foi desvinculada da religião, mas se manteve ao lado da família. Só a partir do século XVII em diante, passaram a ser retratadas sozinhas. Porém, antes, período em que foram criados os colégios nos moldes mais parecidos com os atuais, não havia separação dos alunos por faixa etária e adultos e crianças freqüentavam juntos as mesmas salas de aprendizagem. Deste período em diante é que os colégios passaram a se destinar a jovens entre nove e pouco mais de quinze anos.

Com base nos dados, pode-se compreender que a infância e a adolescência são criações culturais da Idade Moderna, visto que mudanças sócio-históricas levaram a mudanças de paradigmas e conseqüentemente de atitudes e comportamentos.

Perrot (1991) enfatiza que antigamente a adolescência era ignorada pelas sociedades tradicionais. Ele considera que a vivência da adolescência é um perigo para o jovem e para a sociedade, pois existe uma busca narcisista, ou seja, busca de si mesmo; há procura de sua imagem física e moral e o adolescente é, portanto, o único que tende a desintegrar a sociedade.

Os jovens do século XIX, para Perrot (1991) não são mais considerados como grupo, e sim como indivíduos que só têm a obedecer e calar. Zona de turbulência e contestação, a adolescência constitui uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias.

Considerando estes aspectos, percebe-se como o tratamento dado ao adolescente mudou. Antigamente, este recebia um tratamento extremamente autoritário, não podia ter vontade própria e deveria ser passivo frente às suas próprias descobertas. Hoje, a permissividade é

grande, o jovem tem seu espaço garantido dentro da estrutura familiar e entende-se que esta fase da vida é especial e complicada, por isso ele é ativo e participa das questões familiares.

Desta forma, o que hoje é considerado aceitável socialmente, daqui a alguns anos talvez não o será mais. A mudança externa da sociedade reflete uma mudança intrínseca dos indivíduos em relação a seus valores e modos de viver. Não há um modo melhor ou pior de viver, só há uma maneira diferenciada de ser e que também pode ser mudada.

1.2 Definição de adolescência

“Crescer significa, precisamente, poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite o processo de singularização, tanto das famílias frente aos modelos, quanto do sujeito diante das imposições familiares”. SARTI (2004, p. 9)

De acordo com a Psicologia, espera-se que o período da adolescência ofereça ao jovem a possibilidade de crescimento e amadurecimento em todos os seus aspectos para que este consiga ter uma vida saudável.

Na visão popular, o adolescente é entendido como complexo e instável; por este motivo, é necessário elucidarmos as suas características principais.

Bock (1994) afirma que “[...] a adolescência é uma fase típica do desenvolvimento do jovem na nossa sociedade (...) e que a mesma não é igual para todos os jovens” (p. 152).

Desta forma, a vivência desta fase é singular, pois depende de vários fatores: família em que o indivíduo está inserido, cultura, época, dentre outros.

Para Outeiral (1994) um dos aspectos mais marcantes que ocorre na adolescência

refere-se a mudanças em vários níveis do desenvolvimento, biológico, psicológico e social, sejam elas relacionadas a capacidades mentais (maior capacidade de abstração), físicas (perda do corpo infantil) e emocionais. Ocorre assim, uma mudança profunda na totalidade do indivíduo adolescente e conseqüentemente em sua personalidade como um todo. A adolescência é uma fase de descoberta em todos os sentidos.

Em decorrência, a adolescência é tida como um período de instabilidade, marcada inclusive pelas mudanças físicas que surpreendem, gratificam, mas também incomodam aos próprios adolescentes e a seus pais.

Por conta da velocidade dessas mudanças, o adolescente não possui um lugar definido e se vê entre dois mundos: o da criança que não é mais e o do adulto que ainda não é. Os pais ratificam essa posição ao lhe cobrar responsabilidades com frases do tipo: "você não é mais uma criança" e ao lhe negar direitos com outras afirmações: "você ainda não é um adulto". Se algo acontece com um adulto, trata-se de um acidente, já com o adolescente, mesmo que se trate de fato idêntico e nas mesmas circunstâncias, há uma propensão a responsabilizá-lo, considerando-o imprudente, desatento e mesmo incapaz.

Ao adolescente são exigidas simultaneamente independência e dependência, o que se traduz pelas expressões "já não és criança, tens idade para ser responsável"; "ainda não tens idade para saberes o que queres". O adolescente reconhece e sente bem esta ambivalência.

Monteiro e Santos (1995) postulam que devido à velocidade dessas mudanças, o adolescente não possui um lugar definido e se vê entre dois mundos: o da criança que não é mais e

o do adulto que ainda não é. Os pais ratificam essa posição ao lhe cobrar responsabilidades com frases do tipo: "você não é mais uma criança" e ao lhe negar direitos com outras afirmações: "você ainda não é um adulto". Se algo acontece com um adulto, trata-se de um acidente, já com o adolescente, mesmo que se trate de fato idêntico e nas mesmas circunstâncias, há uma propensão a responsabilizá-lo, considerando-o imprudente, desatento e mesmo incapaz.

Desta forma, entende-se que todas as mudanças que ocorrem com o adolescente resultarão em uma nova identidade para o jovem, a identidade adulta. Esta é formada pelas identificações que o indivíduo obtém ao longo de sua vida, sendo que as mais relevantes são as que ocorrem durante a socialização primária, ou seja, no âmbito familiar.

Um dos requisitos primordiais para a entrada na fase adulta é a formação da identidade. Neste sentido, Grimberg (1995) afirma que a identidade é resultado de três aspectos: "para possuir a noção espacial o jovem deverá ter antes a noção corporal que o fará sentir-se único; deve saber lidar e separar o passado, presente e futuro; deve ter estabelecido relação e vínculo com os pais e figuras significativas" (p. 145).

E, o término da adolescência ocorre, portanto, quando o jovem tem sentido de sua própria individualidade e compreende o papel independente na orientação da sua vida, aceitando compromissos. Ele cumpriu determinadas tarefas como afirmação de identidade pessoal, sexual e psicossocial e a aquisição de uma autonomia.

1.3 O que é a Adolescência Prolongada?

"Quando eu tiver setenta anos então vai acabar esta adolescência vou largar da minha

vida louca e terminar minha livre docência (...) LEMINSKI (1983)

O trecho da poesia que abre este tópico traduz de forma clara as inquietações da juventude moderna. Loucura e liberdade ao lado de controle e responsabilidade. Demonstra uma vontade de ser tudo ao mesmo tempo, de ser criança e adulto.

Calligaris (2000) relata que, até a década de 50, os adolescentes imitavam os adultos; após esta época passam a proibir que o adolescente tenha esta postura. Entende-se que nesta época era natural que o jovem trabalhasse, casasse, tivesse filhos, enfim que amadurecesse. Hoje, ocorre o inverso o jovem é cada vez mais estimulado em sua dependência e adolescência.

Observa-se que antigamente o jovem de 18 anos já tinha autonomia e independência em diversos âmbitos de sua vida e este comportamento era aceito socialmente.

Calligaris (2000) aponta que a sociedade considera o jovem indivíduo adulto quando este realiza as tarefas de ordem psicossocial exigidas pela sociedade como a adoção de independência dos pais e definição da identidade sexual. Em contrapartida, observa-se atualmente o fenômeno da adolescência prolongada, que é pouco divulgado e conhecido.

Para compreendermos o conceito da adolescência prolongada ou profissional, devemos ter em mente a questão da sociedade e da cultura e sua constante mudança de padrões e modelos em relação ao pensar e agir humano. O olhar que temos sobre o adolescente deve mudar de acordo com as transformações vigentes sociais.

Calligaris (2000) enfatiza que a adolescência foi criada pelos Estados Unidos. Aos poucos os adolescentes se tornaram o ideal

dos adultos. Hoje, tanto os adultos como as crianças se “fantasiam” de adolescentes.

Desta forma, o adolescente se torna um ideal para si mesmo, é empurrado pelo olhar de admiração dos adultos e crianças a se tornar cada vez mais a cópia de seu próprio modelo, é estimulado a ser rebelde e a se marginalizar, para “seguir sendo o lugar do sonho dos adultos” (p. 19).

Levisky (1998) descreve os adolescentes profissionais como: “indivíduos cronologicamente adultos, mas cujo processo adolescente se estende no tempo, mantendo-os num estado de dependência afetiva e econômica. O fator socioeconômico-cultural também está presente nesta situação. Podem ser jovens de famílias abastadas ou não. Alguns deles não se sentem gratificados em assumir suas responsabilidades pessoais e comunitárias. Não querem perder seus privilégios infantis e encontram respaldo na família, que se incumbirá de protegê-los, prolongando o estado de imaturidade” (p.31).

Zagury (2004) considera que a adolescência está mudando muito nos dias de hoje. O que se observa é uma adolescência prolongada até os 28/30 anos, quando muitos jovens ainda estão em convívio com os pais, tendo tudo pronto a seus pés, sem muito esforço. O próprio casamento, antes tão esperado pelos pais, hoje é substituído pelo não-casar, que se transformou num “juntar os trapos ou ficar sem compromisso”, na esperança de um relacionamento mais feliz, talvez mais feliz do que o que eles estão percebendo com seus pais. A grande perspectiva que realmente sobrou para o ritual da adolescência é o enfrentamento do vestibular, já que os outros estão se perdendo ou sendo modificados.

Pode-se compreender o fenômeno do prolongamento da adolescência (extensão e/ou

duração maior) como resultado de uma educação confusa da atualidade que perdeu seus parâmetros de como educar um adolescente sem torná-lo dependente e sem super protegê-lo. Cabe aos pais uma compreensão desta fase de seu filho, no sentido de ajudá-lo no processo de amadurecimento e autonomia, pois ninguém nasce “pronto” e a imposição de limites de forma saudável fará com que o filho viva melhor a maturidade e tenha subsídios internos para tolerar futuras frustrações.

O termo adolescente profissional é utilizado por Levisky (1998), descrevendo os mesmos aspectos de dependência e imaturidade citados por Zagury. Em geral, as pessoas confundem o fenômeno adultescência com adolescentes profissionais, por isto faz-se necessária uma distinção destes conceitos. De acordo com Eutrópio (2004),

[...] os adultescentes são pessoas que relutam em envelhecer; *assim* o adultescente é imbuído de cultura jovem, mas com idade suficiente para não o ser. Geralmente entre os 35 e 45 anos, os adultescentes não conseguem aceitar o fato de estarem deixando de ser jovens (p.2).

Já, os adolescentes profissionais não chegam a possuir identidade e autonomia próprias, não desenvolvem a maturidade própria do adulto e geralmente não saem de casa. Os adultescentes, por sua vez, casam-se, trabalham, possuem filhos e, quando chegam à meia idade, voltam a apresentar comportamentos de adolescentes, regressivos, como por exemplo: vestimentas, lugares que freqüentam e outros.

1.4 Algumas causas e conseqüências da adolescência prolongada

A relação entre pais e filhos adolescentes é um processo que se inicia logo nos primeiros

dias de vida da criança, pois a partir do nascimento do filho gradativamente ocorre um processo de desprendimento de sua condição infantil.

As mudanças psicológicas e corporais que surgem na adolescência determinam uma nova relação com os pais. O processo de elaboração desta nova condição ocorrerá a partir “do luto pelo corpo da criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância” (Outeiral, 1995 e Aberastury, 1981).

Contudo, algumas questões podem ser levantadas sobre a adolescência prolongada relacionando-as ao modo de interação entre pais e filhos e conseqüentemente pela sociedade em geral.

Pesquisas atuais foram elaboradas no sentido de responder a estas questões. Através de dados obtidos em pesquisas realizadas por Zagury (2004), o prolongamento da adolescência deve-se aos seguintes fatores: “consumismo, falta de limites e superproteção dos pais”. A autora enfatiza que:

[...] ao contrário de seus pais, os jovens atuais não têm mais tanta pressa em sair de casa. A maioria, aliás, nem pensa no assunto. São os representantes da chamada geração-canguru, que resistem a abandonar a comodidade da casa paterna do mesmo modo que o filhote marsupial agarra-se à bolsa protetora da mãe. Alguns, mais folgados, não desgrudam da barra da saia nem mesmo depois que casam e têm filhos. Com isso, um novo fenômeno surgiu: o prolongamento da adolescência. Cada vez mais aumenta o número de jovens entre 20 e 30 anos acomodados à situação de eternos adolescentes” (p.12).

Bock (1994) aponta como uma das causas da adolescência prolongada à exigência de “formação permanente”. Esta é fruto da sociedade moderna, de suas mudanças bruscas

e rápidas, do capitalismo e conseqüentemente da competição acirrada que enfrentamos no mercado de trabalho. Assim, a formação permanente dificulta a aquisição de independência, pois exige-se cada vez mais que o indivíduo busque o conhecimento e se especialize no que faz. Na sociedade atual, o adulto nunca está pronto o suficiente para o trabalho (p.257).

Na modernidade, são inúmeros os fatores que contribuem para o prolongamento da adolescência; como, por exemplo: culto ao corpo, busca pela juventude eterna, associação de beleza a juventude, dentre outros. Assim, a juventude é valorizada e ser jovem é ser atual.

Sobre as conseqüências da adolescência prolongada, vários autores afirmam que a pessoa que vivenciar uma adolescência prolongada poderá ter a sua vida prejudicada em vários aspectos: sociais, psicológicos, entre outros, devido à falta de autonomia e independência.

1.5 Formulação do problema, justificativa e objetivos

Sabe-se que a vivência das fases da vida de forma equilibrada, ou seja, dentro do seu tempo ideal acarreta em um desenvolvimento saudável. Atualmente a busca pela juventude pode ser percebida em todos os aspectos: físicos, emocionais e psicológicos. Assim, a adolescência prolongada é uma vivência da modernidade e que pode gerar conseqüências negativas, como por exemplo, dependência afetiva, na vida do indivíduo.

Pode-se dizer que o presente estudo é relevante para a compreensão de causas e conseqüências deste fenômeno, o que é necessário para o entendimento do assunto em questão. Os objetivos da presente pesquisa foram:

1. Verificar a incidência de adolescência prolongada no âmbito de uma população de universitários e destacar algumas características do fenômeno;
2. Traçar o perfil dos entrevistados de acordo com os critérios estabelecidos da adolescência prolongada;
3. Investigar acerca da motivação que gerou o interesse de estudantes em participar desta pesquisa, embora não preenchendo as condições características para tal.

DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, o que, segundo Minayo (2004), possibilita adaptações e ajustamentos durante seu percurso. A autora enfatiza que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21-22).

Uma vez que a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação menos objetiva e diretiva, compreende-se que na execução da pesquisa qualitativa o investigador tenha certa flexibilidade com relação à proposta estabelecida com seu problema central.

No início da execução da pesquisa houve a necessidade de aplicar questionários em estudantes universitários com o intuito de estabelecer uma aproximação com as pessoas interessadas em participar do projeto. Durante a aplicação do questionário, estudantes que não preenchiam um dos requisitos para participação (idade entre 25 a 35 anos) mostraram ter

interesse em serem entrevistados. A inclusão dessas pessoas no estudo foi feita atendendo ao seguinte objetivo: investigar acerca da motivação que gerou o interesse de estudantes em participar desta pesquisa, embora não preenchendo as condições características para tal.

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas nas quais o participante discorria sobre sua vida e seu modo de vida atual. No total restaram 80 questionários aplicados em estudantes universitários de diversos cursos: direito, comunicação, dentre outros, sendo que 10 pessoas não identificaram seus dados (nome, sexo, idade). Após essa etapa, oito pessoas manifestaram interesse em continuar a pesquisa; destas, 3 não se identificaram, o que impossibilitou o contato. Desta forma, foi possível continuar a pesquisa, agora, com 4 homens e 1 mulher. Foi constatado que, dentre estas pessoas, 3 (2 homens e 1 mulher) estavam na faixa etária de interesse para a pesquisa (25-35) anos e 2 possuíam menos de 25 anos.

O questionário foi elaborado a partir da pesquisa bibliográfica que contribuiu para a escolha dos seguintes temas: hobbies e esportes, trabalho, relacionamento atual e passado com pais, relacionamento com cônjuge, amigos e conhecidos, relacionamento com filhos, realização profissional e pessoal, opiniões sobre a vida atual e expectativas para o futuro.

A aplicação do instrumento foi motivada pelo seguinte objetivo: verificar a incidência de adolescência prolongada no âmbito de uma população de universitários e antes da aplicação do questionário houve a preocupação em esclarecer que este era parte de um projeto de pesquisa, que os dados levantados seriam mantidos em sigilo e também foi solicitada autorização por escrito. A pessoa tinha liberdade para concordar ou não com sua participação, e

por último, após preenchimento do questionário foi explicado o tema de que se tratava a pesquisa, visando não influenciar nas respostas obtidas.

Após esta etapa, foi realizado um encontro com cada participante, para a aplicação da entrevista, este ocorria de acordo com a disponibilidade dos sujeitos em locais previamente combinados, na própria universidade. Nestes contatos o investigador mencionava os temas e pedia para a pessoa discorrer livremente sobre os mesmos. Os dados coletados foram analisados e tabulados relacionando-os com os critérios da adolescência prolongada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o cumprimento do primeiro objetivo deste estudo: verificar a incidência de adolescência prolongada no âmbito de uma população de universitários e destacar algumas características do fenômeno passaremos a analisar os dados obtidos com a aplicação dos questionários.

Na Tabela I observam-se porcentagens de pessoas dos sexos masculino e feminino (49 homens e 21 mulheres) que responderam o questionário e que foram classificadas em três faixas etárias: até os 25 anos, entre os 25 e 35 anos e acima de 35 anos. Esse agrupamento por faixa etária foi feito uma vez que interessava analisar a incidência de pessoas na faixa etária escolhida para este estudo.

Tabela I – Participantes do questionário

Faixa Etária Idade	Masculino	Feminino	Total
Até 25 anos	40%	20%	60%
25 até 35 anos	23%	6%	29%
Acima de 35 anos	9%	2%	11%
Total	72%	28%	100

A maior parte dos entrevistados, homens e mulheres, que responderam as questões têm menos de 25 anos. Esse número cai para mais ou menos da metade na faixa etária dos 25 aos 35 anos e poucas são as pessoas acima dos 35 anos. Em todas as faixas etárias, sempre há mais homens do que mulheres. Assim, o fato de ter-se a proporção de três homens para uma mulher que se dispuseram a continuar a pesquisa está de acordo com esta tendência geral. Visando destacar alguns aspectos característicos da população que respondeu o questionário, foram considerados os seguintes dados: estado civil, condição de residência, dependência econômica de outrem e trabalho. A Tabela II mostra esse conjunto de dados, para o dos participantes com menos de 25 anos de idade.

Tabela II – Participantes menores de 25 anos

		Sexo Masculino (n=28)	Sexo Feminino (n=14)
Estado civil	Solteiro	28	14
Condições de moradia	Com os pais	25	12
	Sozinhos	3	1
	Com os amigos	-	1
Trabalho	Trabalham	18	8
	Não trabalham	10	6
Dependência financeira de outrem	dos pais	23	13
	Não dependem		
	financeiramente dos pais	5	1

Pode-se observar na Tabela II que as pessoas de ambos os sexos, com até 25 anos de idade, apresentam características em comum, pois todas são solteiras e a grande maioria mora com os pais. Também, a maioria dos entrevistados, de ambos os sexos, trabalha, mas quase todos dependem dos pais financeiramente.

Na Tabela III pode-se observar os dados equivalentes aos acima referidos para participantes com idade entre 25 a 35 anos.

Tabela III - Participantes de 25 à 35 anos.

		Sexo Masculino (n= 16)	Sexo Feminino (n= 4)
Estado civil	Solteiros	10	1
	Casados	6	3
Condições de moradia	Com os pais	9	1
	Sozinhos	2	
	Com o cônjuge	5	3
Trabalho	Trabalham	15	3
	Não trabalham	1	1
Dependência financeira de outrem	Pais	7	-
	Cônjuge	-	3
	Não dependem	9	1

A maior parte das mulheres com idade entre 25-35 anos é casada mora com o marido e trabalha, mas depende economicamente deste. Por outro lado, grande parte dos homens é solteira e mora com os pais. A grande maioria trabalha, mas metade deles depende economicamente dos pais.

Buscando caracterizar melhor o grupo de participantes desta faixa etária, principal foco da pesquisa, foi realizado um levantamento com informações mais detalhadas sobre o grupo das pessoas desta idade.

Desta forma, a Tabela IV mostra os principais dados levantados quando da aplicação do questionário, relacionados a população com idade entre 25 e 35 anos, (n= 20).

Tabela IV – Relação dos temas e respostas obtidas com participantes de 25 a 35 anos.

Temas	Resumo da resposta dada	Total
Lazer	Fica com a família, descansa, assiste Tv e lê	15
(gosto do que faço?)	Gosta e se sente realizado	8
Realização pessoal	Sente-se satisfeito neste aspecto	12
Divisão das Tarefas	Colabora com as despesas e as tarefas de casa	11
Relacionamento com pais, amigos, e outros.	Afirma possuir relacionamentos favoráveis	15
Opiniões sobre a vida atual	Relata ter vontade de mudar algo em sua vida	15
Como imagina a si próprio daqui há 10 anos	Busca realização profissional (estabilidade financeira) e constituir uma família	20

Com relação ao aspecto ocupacional foi constatado que 20 pessoas trabalham, mas que apenas 8 gostam e sentem-se realizada com o que fazem. Todos os participantes esperam, daqui a 10 anos, possuir uma vida profissional e pessoal estabilizadas. A maioria menciona a vontade de constituir uma família bem como de ter uma carreira promissora em todos os aspectos. Contudo, 15 pessoas relatam ter vontade de mudar algo em suas vidas. Na Tabela V pode-se observar características dos participantes com mais de 35 anos de idade.

Tabela V - Participantes maiores de 35 anos.

		Sexo Masculino (n=6)	Sexo Feminino (n= 2)
Estado civil	Solteiro	4	1
	Casado	2	1
Condições de moradia	Com os pais	2	-
	Sozinhos	3	1
Trabalho	Trabalham	6	1
	Não trabalham	-	1
Dependência financeira de outrem	Dividem as despesas financeiras	2	1
	Com os pais ou cônjuge	4	-
	Não dependem de ninguém		
	Dependem financeiramente dos pais ou cônjuge	-	1

Com relação aos homens maiores de 35 anos, verifica-se que há vários solteiros, que moram sozinhos. Todos trabalham e mais da metade é responsável economicamente por suas despesas. Uma mulher entrevistada nesta faixa etária trabalha e a outra não. Uma mora com o cônjuge com quem divide as despesas, e a outra, sozinha.

Puderam ser observadas diferenças interessantes em relação às pessoas das diferentes faixas etárias: da primeira para a terceira faixa diminui o número de pessoas que moram com os pais. Por outro lado, aumentam as opções de moradia: com o cônjuge, amigos ou sozinhos, categorias que mostram respostas mais ou menos equivalentes.

Na segunda faixa etária aumenta o número de participantes que não dependem financeiramente dos pais, embora uma boa parte ainda dependa dos mesmos. Existe a responsabilidade de dividir as despesas com o

cônjuge, o que explicita a necessidade de que o casal trabalhe para pagar as contas domésticas.

Na primeira faixa etária, há muitas pessoas que não trabalham, embora a maioria o faça. Na segunda e terceira faixa etária, aumenta o número daqueles que trabalham.

Os resultados obtidos deixam claro que a independência econômica, que é um aspecto importante da fase adulta, não se vincula a trabalhar ou não, pois verifica-se que este critério de maturidade não está sendo observado na faixa etária dos 25 aos 35 anos.

Concluindo, os dados analisados até este momento indicam que, pelo menos até os 35 anos, há indícios sugerindo o prolongamento da adolescência tanto em termos da independência econômica quanto em termos da realização pessoal e profissional.

Com relação às entrevistas realizadas apresentar-se-á a seguir um resumo daquilo que foi dito. Os primeiros três relatos se referem às pessoas com idade entre 25 a 35 anos. A análise visa: traçar o perfil dos entrevistados de acordo com os critérios estabelecidos para adolescência prolongada.

Para a análise dos relatos foram escolhidos nomes fictícios visando preservar a identidade dos participantes, os relatos e as descrições obtidos foram sintetizados como se seguem:

Caso 1 – Vera, 33 anos, filha única, de nível econômico baixo, casada, duas filhas.

Relatou que foi criada pela avó, pois os pais trabalhavam. Na infância a mãe foi “presente, ausente”. Atualmente relaciona-se bem com a mãe, mas não com o pai. O pai foi contra seu casamento. Tem duas filhas, mas acredita que tem criado melhor a mais velha. Sobre a relação com o marido, diz que ele é “nojento”,

pois faz coisas que não a agradam, acha que tem um pensamento que não bate com o dele, mas ele paga a sua faculdade. Afirma que se pudesse voltar atrás trabalharia mais cedo, buscaria maior independência, educaria a filha mais velha de modo diferente, mudaria a postura passiva (acomodada) que possui frente a tudo e se casaria mais tarde.

Vera. questiona sobre a escolha profissional, declara não saber estudar e não confiar nela mesma, pois têm o hábito de colar.

Comentário

Esta estudante nos passa a vontade de mudar e amadurecer, só que, ao mesmo tempo, demonstra uma dificuldade para que isto ocorra. Em sua fala há um sentimento de arrependimento em relação a coisas que fez e ao sentido que sua vida tomou. Sua vontade era de ser mais adulta e independente em outras palavras, ela se sente uma adolescente.

Caso 2 – Miguel, 28 anos, filho caçula de uma família de 8 irmãos, de nível econômico baixo.

Afirmou que foi bastante mimado pelos pais e irmãos mais velhos. Precisou trabalhar cedo para a sobrevivência. Durante a infância, teve um bom relacionamento com os pais. Na época da adolescência teve conflitos com o pai (bem mais velho) que faleceu o que trouxe grande sofrimento para Miguel. Foi casado, separou-se e voltou a morar com a mãe e um irmão. Trabalha, mas quem paga as contas domésticas é a mãe. Decepcionou-se com os amigos, não tem com quem contar. Essa decepção o transformou em uma pessoa desconfiada. Sente falta de um “grupo fixo de amigos”. Gostaria de ajudar com as contas de casa, mas no momento não pode. Gosta de esportes radicais e quer vencer em todos os

sentidos. Tem os sonhos de casar-se de novo, de ter um filho, comprar uma casa, um carro e ser reconhecido na profissão que escolheu exercer.

Comentário

Miguel assim como o caso anterior, também busca crescer e amadurecer em todos os sentidos, mas atualmente não está conseguindo. Ao mesmo tempo, demonstra alguns pensamentos e modos de viver imaturos e bastante relacionados à fase da adolescência.

Caso 3 – Osvaldo, 26 anos, possui três irmãos mais novos, de nível econômico baixo.

Relatou que sempre teve uma relação mais próxima com o pai. Quando pequeno, este teve um derrame, motivo que acabou aproximando-os mais ainda. O pai já faleceu e ele sofreu muito e nunca teve uma relação de proximidade com a mãe. A mãe nunca foi amorosa, mas sempre distante, pois sempre trabalhou muito e nunca se interessou por suas coisas. Hoje é casado, porque engravidou uma moça. Se pudesse escolher não estaria casado. Relatou ter uma relação de amigo com o filho.

Atualmente não têm amigos, somente amizades superficiais. Gosta do que faz, mas não é o seu ideal e acha que ganha pouco. Se pudesse, optaria por só estudar; não teria a responsabilidade atual, moraria na casa da mãe e não teria tido filho, esperaria mais. O filho tem três anos de idade.

Comentário

O. é o que mais amadureceu, desses 3 entrevistados, e assumiu responsabilidades de adulto. Mas, relatou sentir desconforto nesta posição e vontade de voltar atrás. Na verdade ele demonstra um desejo de voltar a ser adolescente para não assumir tantas responsabilidades e compromissos.

Considerando estes 3 entrevistados, que têm entre 25 a 35 anos, em todos podemos observar algumas características adolescentes, quer seja no comportamento e as atitudes, quer no modo de vida, expectativas e aspirações.

Embora, este conhecimento está restrito a poucos casos, podemos observar que estes possuem características da adolescência prolongada.

As apresentações dos relatos a seguir atendem ao seguinte objetivo da pesquisa: investigar acerca da motivação que gerou o interesse de estudantes em participar desta pesquisa, embora não preenchendo as condições características para tal.

Caso 4 - Vagner, 23 anos, possui dois irmãos mais novos, de nível econômico baixo

Afirmou que os pais sempre trabalharam. Sempre foi mais ligado à mãe do que ao pai. Diz que o pai sempre foi autoritário e conservador, mas que melhorou um pouco. Na infância quando aprontava e mentia, apanhava do pai. Hoje, não o admira, o pai estagnou; parou de trabalhar e não faz mais nada. Tem dois irmãos e se relaciona melhor com o irmão homem. Tem poucos amigos. Depois que morou em Salvador passou a valorizar mais as amizades. Atualmente não tem namorada e quando tem, não sente ciúmes. Trabalha pouco, é autônomo e não ganha muito. Gostaria de arrumar um emprego em que não precisasse acordar cedo. Também gostaria de ter mais disciplina, mais responsabilidade no trabalho e nos estudos. Acredita que se estivesse bem financeiramente, sua relação com o pai melhoraria. Quer se dar bem profissionalmente, e, se não for rico, quer ser um eterno voluntário. Daqui a algum tempo imagina-se casado e com um novo estilo de vida.

Comentário

Sua fala explicita contradição e conflito interno, pois ao mesmo tempo em que possui vontade de não assumir responsabilidades, sabe que precisa mudar ser mais responsável e disciplinado. Quer crescer e ser adolescente, também.

Caso 5 – Samuel, 22 anos, possui um irmão mais novo, de nível econômico baixo.

Afirmou que sempre teve um diálogo aberto e espaço para perguntar e questionar sobre qualquer assunto. Relaciona-se bem com os pais e com os irmãos. Namora há quase 1 ano conversa bastante com a namorada. Tem verdadeiros amigos, porque são amigos desde a infância. Gosta de namorar, praticar esportes, enfim de fazer coisas de adolescente, mas afirma que não é mais adolescente. Não cria expectativas para o futuro, mas quer se formar, casar, comprar casa, carro e ajudar os pais. Pretende amadurecer e realizar-se profissional e pessoalmente.

Comentário

Assim como no caso anterior este entrevistado gosta de poder fazer coisas de adolescente, mas, ao mesmo tempo, enfatiza que pretende crescer e se tornar independente.

Em relação aos relatados, pode-se observar que: o motivo implícito do primeiro grupo de pessoas (25-35 anos) para concordar em participar da pesquisa resulta da insatisfação que trazem dentro de si tanto em relação a aspectos pessoais como a profissionais. Estas pessoas pensam que poderiam ter feito algumas coisas de modo diferente e que, se tivessem tomado decisões acertadas e mais maduras, talvez hoje estivessem mais realizadas e satisfeitas.

Nota-se que os estudantes menores de 25 anos participaram da pesquisa por curiosidade e identificação com o tema investigado, pois, em

função da idade, possuem uma familiaridade com o que os adolescentes vivenciam. Atualmente, nesta faixa etária ainda existe a busca da identidade e muitas vezes as pessoas se sentem adolescentes por diversos fatores, o que se evidencia como busca pela profissão e parceiros, dentre outros. Assim, há uma identificação muito forte com o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto neste trabalho, Levisky (1998) considera adolescente prolongado:

[...] o indivíduo cronologicamente adulto, mas cujo processo adolescente se estende no tempo, mantendo-o num estado de dependência afetiva e econômica (...) Não quer perder seus privilégios infantis e encontra respaldo na família, que se incumbirá de protegê-lo, prolongando o estado de imaturidade” (p.31).

Esta afirmação do autor se relaciona diretamente com o que foi observado referente aos dados coletados dos entrevistados, pois há uma marcante dependência afetiva e financeira dos pais e/ou cônjuges bem como ao mesmo tempo a consciência de que é preciso crescer e o desejo de voltar a ser criança.

O estudo do desenvolvimento humano colabora para o avanço científico e é fundamental acompanhar suas transformações e suas implicações. A pouca literatura sobre adolescência prolongada denuncia uma necessidade relevante de ampliar este conhecimento.

Espera-se que esta pesquisa possa acrescentar informações sobre o tema, contribuindo para o avanço científico em relação ao desenvolvimento humano, suas implicações e transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABERASTURY, Arminda e outros. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

BOCK, A. M. F.; FURTADO O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia*. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

CALLIGARIS, C.; *A adolescência*. São Paulo: Publifolha. 2000.

LAKATOS, E.; MARCONI, M.. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1990.

LEVISKY, D. L. *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LOUSADA, A.; OUTEIRAL, J.; CORDEIRO, A *adolescência e algumas implicações a ela associadas*. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/dsm/infadol.htm>>. Acesso em: 13 ago, 2004.

MARCONDES, W. *Adolescência: um período de muitas transformações*. 2004. Disponível em: <<http://www.valeverdenet.com.br/publicações>> Acesso em: 13 ago, 2004.

OSBORNE, E. L. et al. *Seu filho adolescente*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

OUTEIRAL, J.; *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PERROT, M. et al. *História da vida privada: da Revolução Francesa à primeira Guerra*. São Paulo: Cia da Letras, 1991.

ROSA, M. *Psicologia Evolutiva: Psicologia da idade adulta*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>>. Acesso em: 20 jan, 2006.

SARTI, C. A. *A família como ordem simbólica*. Psicol. USP. [online]. 2004, vol.15, no.3 [citado 25 Janeiro 2006], p.11-28. Disponível na World Wide Web:

ZAGURY, T. *Encurtando a adolescência*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ZAGURY, T. A doce vida dos filhos cangurus. Disponível em: <<http://www.galileu.globo.com/edic/95/comportamento.htm>> Acesso em: 10 set, 2004.

ZAGURY, T. *Adolescência sem fim*. Disponível em: <<http://www.planetajota.jor.br/teens.htm>> Acesso em: 10 set, 2004.